



Permacultura: 4 décadas de educação, design e ação para um futuro próspero de decrescimento energético

Tradução para o português: Pedro Souza

Revisão: Pedro Souza, Tomaz Lotufo e Sérgio Pamplona

Introdução

Receber este doutorado honorário é um marco na minha relação ambígua com a academia. Mais importante ainda, é um marco no reconhecimento da permacultura como um sistema de design e movimento social por parte da academia. Eu acredito que permacultores, professores, designers e ativistas por todo o mundo se sentirão inspirados e usarão esse reconhecimento específico de uma forma que fortalecerá a permacultura mais ainda.

Minha linhagem de trabalho é bem documentada no *Permaculture One (Permacultura Um)*¹ (1978), em casos de estudo de permacultura nos anos 80 e no começo dos anos 90, *Permaculture: Principles and Pathways Beyond Sustainability (Permacultura: Princípios e Caminhos Além da Sustentabilidade)* e *Collected Essays* no começo dos anos 2000, e mais recentemente em *Future Scenarios*, 2009. Drew Dawson sugeriu para mim que essa linhagem de trabalho poderia me qualificar para um doutorado por exegese ao custo de relativamente pouco trabalho adicional, mas eu tenho andado ocupado demais escrevendo *Retrosurbia, a Downshifter's Guide to a Resilient Future* para gastar mais tempo no computador.

Acho essa ocasião uma oportunidade para oferecer uma perspectiva histórica da emergência e evolução da permacultura como um conceito, sistema de design e movimento. Minha perspectiva é uma mistura de observações “de fora” e de minhas reflexões de ativista engajado. Esse é um assunto sobre o qual eu já falei e escrevi ao longo dos anos, mas nunca com a profundidade de estudo que o assunto merece. Ao fazer isso, eu estou invocando meu pai, que era um observador astuto da política tumultuosa do começo do século 20. Mas Jack Holmgren não era apenas um “intelectual de poltrona”. Seu compromisso com as causas da paz e justiça internacional, a falta de educação formal em uma época em que isso realmente importava e a morte aos 58 anos de idade em 1975 contribuíram para que seus insights não tenham sido escritos.

Em 1975, eu estava gestando o conceito da permacultura com meu mentor e co-autor de *Permaculture One*, Bill Mollison. Com a sua morte no ano passado aos 88 anos de idade, é ainda mais apropriado refletir sobre o legado desses anos, ainda mais porque a CQU (Central Queensland University) em boa hora ofereceu-lhe o primeiro doutorado honorário de permacultura.

Apesar de eu ter estado lá desde o começo, se dependesse de mim, o manuscrito que viria a se tornar *Permaculture One* provavelmente ainda estaria em uma gaveta esperando para ser editado, e eu não estaria aqui falando com vocês. Bill Mollison foi reconhecido internacionalmente como “o pai do movimento da permacultura”, enquanto o meu papel é mais difícil de definir.

A permacultura chegou pela primeira vez à proeminência pública através da grande mídia, e cresceu então para se tornar um movimento global de praticantes, designers, professores e ativistas através do PDC (Curso de Design de Permacultura), tudo fora do meio acadêmico. Apesar

disso, o conceito de permacultura começou a germinar no solo da academia no meio dos anos 70, então eu comecei com essa história.

Design ambiental

Um ano viajando de carona pela Austrália, incluindo uma passagem por Nimbin após o festival Aquarius de 1973, me convenceu que, apesar de ter sido um “calouro” da *John Curtis High School* (em Freemantle, WA) em 1972, eu não era talhado para uma educação universitária (ou que a universidade não valeria o meu tempo precioso). Além do mais, minha bolsa estudantil tornara-se inútil devido à abolição das taxas pelo governo Whitlam recentemente eleito.

Mas nesse ano eu descobri a *Environmental Design School*, (Escola de Design Ambiental), fundada pelo arquiteto de Hobart Barry McNeil na *Tasmanian College of Advanced Education* (Faculdade da Tasmânia de Educação Avançada). *Environmental Design* atraía todos os radicais e dissidentes das faculdades de arquitetura, planejamento e design pela Austrália. Energia renovável, materiais naturais, autoconstrução, design participativo, transporte público, ecologia e biodiversidade eram parte do que eu acredito ter sido o experimento mais radical de educação superior na Austrália.

Uma formação generalista de três anos em Design Ambiental precedia uma pós-graduação especializada de meio período em arquitetura, paisagismo ou planejamento, onde era requerido que estudantes trabalhassem em meio período em seu campo de estudo.

Um terço do orçamento de pessoal era destinado a professores visitantes e profissionais praticantes. A escola funcionava como uma consultoria para o governo; estudantes universitários e mestrados trabalhavam juntos em projetos e eram selecionados para a formação de novas equipes. Havia uma auto avaliação a ser entregue, o calendário era auto organizado, e, mais surpreendente ainda, não havia currículo. McNeil disse que o mundo estava mudando tão rápido que você deveria ensinar as pessoas a resolver problemas e pensar ao invés de qualquer habilidade particular que possa se tornar redundante quando estudantes se tornarem praticantes.

Um encontro ao acaso

Depois de um encontro por acaso em 1974², Bill e eu desenvolvemos uma relação completamente informal de estudante e mentor, o que incluiu compartilharmos uma casa. Eu foquei toda a minha energia no manuscrito e no jardim ao qual mais tarde ligaríamos o termo “permacultura”. Mas eu nunca fui a nenhuma de suas aulas como um tutor sênior no departamento de filosofia da Faculdade da Tasmânia. Mesmo dentro da liberdade radical do Design Ambiental, meu foco único no trabalho de permacultura provocou preocupações. Eu completei, porém, um design completo de uma propriedade rural autossuficiente para a minha tese, e tive a audácia de usar o meu manuscrito ainda não completo de permacultura como referência principal. Dos 106 primeiros estudantes que começaram o Design Ambiental em 1974, eu fui um dos 6 que sobreviveram à liberdade selvagem, aprovaram a si mesmos a cada semestre, entregaram uma tese e receberam um diploma bacharelado em Design Ambiental. Depois disso, eu prontamente saí da academia para continuar a minha jornada de aprendizado de habilidades práticas. Bill se focou mais em promover as ideias, e depois de editar as adições ao manuscrito, *Permaculture One* foi publicado em 1978 sob muita celebração e algumas críticas desdenhosas.

A primeira onda de soluções ambientais

O que estava acontecendo em 1977 para que seis grandes editoras oferecessem publicação para um acadêmico exuberante da Tasmânia e um estudante de graduação completamente desconhecido? Para responder essa pergunta, eu preciso abrir o zoom da história pessoal para termos uma perspectiva histórica daqueles tempos.

A concepção e expansão inicial da permacultura no meio e final dos anos 70 foram parte da primeira onda de soluções ecológicas modernas que podem ser vistas como uma resposta à evidência apresentada no relatório *Limits to Growth* (Limites para o Crescimento), publicado em 1972 pela cientista de sistemas Dana Meadows e outros colegas sob comissão do *think thank* internacional Clube de Roma. Esse foi possivelmente o relatório científico mais importante da história. A primeira crise de petróleo no ano seguinte mostrou o nível de dependência das sociedades industriais modernas em energia abundante e barata, criando a primeira recessão substancial desde o fim da Segunda Guerra Mundial e estimulando um interesse crescente em energias renováveis, design urbano, agricultura sustentável e formas mais simples de vida.

Primeira onda de resistência

Desde o final dos anos 60, o ambientalismo de oposição estava crescendo nos países afluentes. A inundação do Lago Pedder na Tasmânia em 1972 é agora reconhecida como um dos marcos principais na emergência do movimento verde global. Mollison foi um dos protagonistas da campanha para salvar o Lago Pedder e de outras campanhas ambientais quando eu o encontrei em 1974. Em vim de uma família de ativistas anti-guerra, ambientalistas e pela justiça social. Em *Pioneiros da Permacultura*³, eu me reconheci como sendo “alienado de segunda geração” dos valores da sociedade a minha volta, enquanto eu descrevi a maioria dos meus colegas como “alienados de primeira geração”. Apesar da diferença de uma geração, Bill Mollison e eu estávamos firmemente focados em criar o tipo de mundo que nós queríamos ao invés de lutar contra o mundo que nós não queríamos.

Influências da permacultura

Apesar de uma visão negativa da situação do mundo informar o conceito de permacultura, na estrutura do Curso de Design de Permacultura desenvolvido mais tarde por Bill, o foco estava firmemente direcionado a soluções de design ecológico. Agricultura orgânica, energia alternativa, autossuficiência, comunidades intencionais e localismo cooperativo foram parte da mistura da qual surgiu a permacultura. No nível conceitual, EF Schumacher (*Small is Beautiful*, [O Negócio é Ser Pequeno], 1973) e Edward Goldsmith (*Ecologist Magazine*), Ian McHarg e Christopher Alexander, combinados com visionários do movimento da agricultura orgânica como FH King, Russel Smith, Albert Howard e outros. Mais importante, de acordo com a minha perspectiva, a primeira referência em *Permaculture One* foi ao Livro de Howard Odum, *Power, Environment and Society* (Energia, Ambiente e Sociedade) (1971), um livro difícil que trata da energia incorporada como uma “moeda”, e usa uma linguagem de circuitos de energia para identificar e explicar princípios e padrões que unem sistemas naturais, humanos e geofísicos. Esse trabalho foi feito de forma independente do trabalho de Lovelock que chegou a hipótese Gaia.

O curso de Design de Permacultura, ensinado por Bill Mollison pela primeira vez em 1981, se tornou o veículo para espalhar o conceito e criar uma rede de designers, professores, praticantes,

todos fora da educação *mainstream*, sem financiamento do governo ou de empresas. Apesar de eu criticar o plano incrivelmente ambicioso de Mollison de formar um quadro de estudantes de permacultura para sair pelo mundo e redesenhá-lo, sua difusão da permacultura como uma prática educacional primariamente fora da academia estava diretamente alinhada com as minhas ações para testar os conceitos. Essa foi provavelmente a ação mais importante que trabalhou a onda de entusiasmo no final dos anos 70 e construiu as fundações de um movimento global com centenas de milhares de professores, designers, ativistas e praticantes.

Decrescimento energético

A visão de futuro que informou o conceito de permacultura foi uma de “decrecimento energético” que iria necessitar, ao longo de muitas gerações, a realocação de economias, a re-ruralização de assentamentos humanos e uma integração sinérgica da agricultura ecológica, tecnologia apropriada e organização de comunidades. Era uma resposta clara ao *Limits to Growth* e para a evidência de que essa sociedade estava mostrando todos os sinais de que ela seguiria o mesmo caminho de civilizações passadas que excederam seus limites. Nós pensávamos que mercados iriam influenciar no gasto excessivo de recursos ou mesmo no colapso, e que a melhor resposta seria construir sistemas paralelos de baixo para cima na sombra da economia dominante. É importante também reconhecer que ao ensinar permacultura, Bill Mollison era ambíguo em relação aos limites energéticos para o futuro da humanidade, sugerindo diversas vezes que avanços tecnológicos poderiam superar limites energéticos ao mesmo tempo que mantinha um forte ponto de vista sobre a natureza destrutiva da agricultura e do uso de combustíveis fósseis. Essa é a outra metade do *Limits to Growth*, aquela que fala de “acumuladores” ao invés de “fontes”, e que está sobre nós na forma de uma mudança climática não-negociável. Ao mesmo tempo, as sementes da sustentabilidade *mainstream* estavam sendo plantadas, focando em um futuro de “tecnostabilidade” para a humanidade refletindo o doce cenário final que o modelamento do *Limits to Growth* sugere ser possível através de políticas globais coordenadas com o objetivo de reduzir o crescimento do gasto de energia e recursos, poluição e população ao mesmo tempo que se aproveitam ao máximo da tecnologia para fazer a transição.

Revolução Friedmanita

Tanto as perspectivas futuras da Tecno-Estabilidade quanto do Decrecimento Energético foram deixadas de lado durante a Revolução Friedmanita⁴, que incluiu desregulamentação de mercados, privatizações, saques de recursos baratos em uma nova onda de neocolonialismo, e mais importante, uma expansão de crédito para incentivar o futuro “tecnostabilizador” de crescimento perpétuo. Uma geração de cientistas, acadêmicos, ativistas políticos e ambientalistas que sobreviveram aos expurgos da Revolução Friedmanita chegaram à conclusão de que os limites de recursos não iriam provocar uma mudança na sociedade em um futuro próximo.

Mais significativo para os nossos dilemas atuais, o campo de contabilidade ambiental, que usava a energia como uma moeda alternativa cientificamente válida para medir o valor, sofreu com cortes de financiamento. Na Austrália, muitos tinham a esperança de uma nova era de ouro de políticas ambientais e trabalhadores no poder quando o governo Hawke-Keating foi eleito em 1983. Ao invés disso, eles entregaram uma Revolução Friedmanita com face humana.

O congresso ANZAS em Hobart para o qual eu fui em 1979 tinha uma dúzia de estudos sobre a energia incorporada na agricultura. Apesar disso, pelo meio dos anos 80, apenas alguns poucos modeladores de sistemas de energia ao redor do mundo conseguiram manter um tênue apelo no mundo acadêmico. Na Austrália, o método mais poderoso e perspicaz de contabilidade de energia incorporada desenvolvido por Howard Odum e seus colegas permaneceu praticamente desconhecido. Além do mais, de forma geral, a ecologia de sistemas foi trocada por *approaches* mais reducionistas de modelamento de recursos naturais e manejados por humanos. Na biologia de conservação, o que chamamos de “Nativismo” ganhou espaço por aqui e, de maneira geral, no mundo anglo-americano.

O ativismo de permacultura retrocedeu a marginalidades conceituais e geográficas onde os graduados do Curso de Design de Permacultura formaram uma rede de subcultura que levou a primeira convergência internacional no norte do estado australiano Nova Gales do Sul em 1984.

Segunda onda de soluções

No final dos anos 80, a próxima onda de ambientalismo moderno respondeu ao consenso científico sobre o aquecimento global com conceitos de sustentabilidade *mainstream*. Todo mundo queria se tornar versado em tecnologias inteligentes e renováveis, julgadas através da nova medida de Emissões de Gases de Efeito Estufa. Apesar de a permacultura ter permanecido marginal nesse discurso, ela cresceu rapidamente na Austrália e pelo mundo nessa época. O livro enciclopédico publicado por Bill Mollison em 1988, *Permaculture; A Designers Manual* (Permacultura; Um Manual de Designer) e dois documentários mostrados na ABC TV tiveram o *timing* perfeito, e criaram a fundação para a segunda onda. Apesar de ser popularmente vista como uma série de técnicas de jardinagem e uso da terra, o ensino da permacultura sempre foi geralmente ensinado como um sistema de design baseado em uma ética clara de Cuidado com a Terra, Cuidado com as Pessoas e Partilha Justa. Eu caracterizei o sistema de design como a integração de uso sustentável da terra e de recursos com modos de vida sustentáveis. Dessa forma, ele se aplicava tanto a produção quanto ao consumo na economia humana, e antecipava o conceito de consumo sustentável⁵.

A economia sem peso

Pelo meio dos anos 90, uma nova forma de tecno-otimismo tomou conta da sociedade, apoiada pela revolução da Tecnologia de Informação que deu o apoio para a produção *Just in Time*, expandindo massivamente e desregulando serviços financeiros e saqueando os recursos da extinta União Soviética. Ao ensinar Cursos de Design de Permacultura nos anos 90, eu destaquei a centralidade da agricultura e alimentação, mudança de comportamento para uma simplicidade voluntária, de resgatar as economias domésticas e comunais não-monetárias e de continuar a importar a tese do *Limits to Growth* em qualquer debate realista sobre sustentabilidade ecológica. De forma mais controversa, eu também destaquei o valor de espécies naturalizadas para a biodiversidade do que agora são chamados de “*novel ecosystems*” (ecossistemas novos)⁶. Além do mais, e mais significativo, eu identifiquei os subúrbios como os habitats humanos com o maior potencial para uma transformação de baixo para cima através do que eu chamei de agricultura de jardim⁷.

Princípios e caminhos

No livro *Permacultura: Princípios e Caminhos além da Sustentabilidade* (2002), eu clarifiquei a visão do futuro do decrescimento energético que requereria uma forma de pensamento fundamentalmente diferente do que serviu a humanidade na curva ascendente do pico de energia por pelo menos 250 anos, se não 500 anos. A estrutura conceitual composta por 12 princípios de design firmemente enraizados na ciência de sistemas e na sabedoria de tradições sustentáveis revigoraram o ensino da permacultura globalmente e reviveram o interesse no conceito fora das redes já existentes. Infelizmente, os eventos de 11 de setembro colocaram as questões de sustentabilidade em segundo plano, então a terceira onda não tomou impulso até que o debate sobre o pico do petróleo e a crise financeira providenciaram o contexto certo para um interesse renovado em soluções de design ecológico.

Terceira onda de soluções

As crises convergentes de tensões geopolíticas, estagnação econômica e instabilidade, pico do petróleo, e mais fundamentalmente, mudanças climáticas aceleradas, causaram outra grande onda de ativismo ambiental desde o início da crise financeira global. Apesar disso, uma mobilização crescente de pessoas pedindo por menos não funcionou para parar ou mesmo reduzir, muito menos reverter a aceleração da devastação ecológica e desperdício de recursos, e muitas pessoas estão vendo agora que os incêndios estão surgindo com mais velocidade do que os esforços para apagar as faíscas. Como Graham Turner do CSIRO concluiu em 2014, “se preparar para um sistema global em colapso pode ser ainda mais importante do que tentar evitar o colapso”⁸.

Pelo lado positivo, há um mercado dinâmico de soluções sustentáveis que vai desde a escala de corporações multinacionais até a de comunidades e da economia doméstica. O crescimento e diversidade de ações inspiradas na permacultura inclui agora fortes ligações de influência pela educação ambiental e universitária *mainstream*, desenvolvimento de comunidades, agricultura regenerativa e manejo de recursos naturais. Bem aqui no sul da Austrália, o trabalho dos Brookman como fazendeiros orgânicos, inovadores de marketing e educadores e facilitadores de permacultura tem sido um grande exemplo dessa difusão de soluções de permacultura que têm ocorrido lateralmente através do refinamento e popularização, como também da influência em algumas mudanças em políticas e círculos regulatórios.

Ação nas bordas

Apesar disso tudo, a maior parte do ensino, prática e design de permacultura permanece nas margens organizacionais e conceituais da sociedade, onde uma explosão criativa de ideias e ações adquiriu uma escala muitas vezes maior do que a primeira e segunda onda de soluções. Os melhores entre esses designs cumprem 4 objetivos:

- Criam uma vida melhor para aqueles envolvidos.
- Agem como modelos capazes de replicação viral quando as condições econômicas e sociais mudarem.
- Tiram trabalho, consumo e capital de sistemas centralizados e criam um sinal de mercado e um golpe político mais efetivo do que gritar por menos.
- Finalmente, criam barcos salva-vidas e redes de resiliência capazes de contribuir à medida que sistemas centralizados falham progressivamente ou subitamente.

O poder potencial dessas soluções de baixo para cima é consistentemente subestimado por aqueles apegados a respostas de cima para baixo.

O trabalho de moradores da fazenda Hibi (que ocupa um quarto de acre nos subúrbios de Melbourne)⁹ é um exemplo de como uma ação espontânea de baixo para cima em economias não-monetárias domésticas e comunais pode fazer mais com menos, engajar ao invés de assustar cidadãos comuns e direcioná-los a uma autonomia maior ao mesmo tempo que demonstra uma alternativa a formas monetizadas, centralizadas e reguladas de satisfazer necessidades e aspirações humanas. Tal comportamento é visto por alguns como algo marginal que deve ser regulamentado. Mais problemático, a difusão desse tipo de mudança de baixo para cima iria contrair a economia monetária enquanto melhora uma série de indicadores ambientais e sociais.

Nós estamos agora vendo um trabalho sério na procura de soluções de baixo para cima¹⁰ para salvar a humanidade dos perigos da mudança climática que reconhece a importância da agricultura regenerativa, armazenamento de carbono, árvores frutíferas, grãos perenes, e outras estratégias destacadas pela permacultura como formas de armazenar carbono e produzir abundância perene em um mundo pós combustíveis fósseis. Ironicamente, a modelagem dessas estratégias na mobilização da Segunda Guerra Mundial reconhece uma necessidade de mudança pelo menos tão radical quanto as provocadas pelas mudanças mais anárquicas de baixo para cima que eu descrevi.

O Movimento de Transição iniciado por Rob Hopkins no Reino Unido é outra ação inspirada pela permacultura que está criando a resiliência comunal que é desesperadamente necessária em países afluentes como a Austrália.

Retrosubúrbia

Meu livro que está chegando, *Retrosuburbia: A Downshifter's Guide to a Resilient Future*¹¹ agrega lições e soluções daqueles que já estão engajados na reforma dos campos comportamentais, biológicos e de construção para se adaptar in situ, onde a maioria dos Australianos vivem em subúrbios ou em paisagens residenciais parecidas com subúrbios nas nossas cidades pequenas e regionais. Se o nosso *timing* for bom, nós poderemos ver essas ideias serem adotadas de forma suficientemente substancial para que elas se tornem notícias *mainstream* antes da bolha imobiliária australiana estourar. Inevitavelmente, tal sucesso provocaria uma reação em várias frentes. Se nós formos capazes de demonstrar um caminho próspero para baixo, nós possivelmente poderemos replicar o que aconteceu com o movimento dos jardins da vitória nos Estados Unidos durante a mobilização da guerra. Inicialmente, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos tratou o movimento como uma ameaça a agricultura comercial, mas quando a Eleanor Roosevelt decidiu arar parte do gramado da Casa Branca para transformá-lo em um jardim da vitória, eles mudaram de tática e começaram a promovê-los.

Apesar do cultivo em jardins ser essencial para o programa RetroSuburbano, o espaço excedente dentro das casas é ao menos tão importante como espaço em potencial para cultivar uma porção significativa do alimento consumido em casas fora da economia monetária. Nosso estoque massivo e pouco usado de construções permitirá o surgimento de economias de escala em famílias estendidas e casas compartilhadas de forma que não foi possível em outras depressões e recessões. Esse histórico sugere que a consolidação em nível doméstico é a estratégia primária adotada por pessoas comuns quando a economia monetária enfrenta sérios problemas. O que é urgentemente necessário é a proliferação de modelos que permitam que aqueles que o sigam em

condições mais difíceis evitem possíveis armadilhas e se beneficiem da incrível eficiência econômica e ambiental de casas e comunidades mais autossuficientes.

Críticas à permacultura

A permacultura foi conceitualizada como um sistema de design que aplica princípios ecológicos para suprir necessidades humanas de formas mais justas e duradouras. Sua base em ciência ecológica é forte, mas design necessita de ciência e arte. Tentar identificar precisamente o pensamento sistêmico e os processos de design que geram soluções de permacultura é no mínimo difícil. Muitos dos sucessos até agora demonstram a verdade na famosa frase de Bill Mollison “apesar de os problemas do mundo serem cada vez mais complexos, as soluções permanecem vergonhosamente simples”. Pelo menos simples no sentido de que elas não requerem tecnologia complexa ou instituições de grande escala. Pelo outro lado, essas soluções necessitam de intervenções sutis para alimentar os processos positivos que já estão ocorrendo em ecossistemas locais e sociais, da mesma maneira que nós precisamos fazer com os ecossistemas do solo.

A medida que a influência da permacultura cresce, cresce também a análise crítica de técnicas e estratégias de permacultura e da eficácia do sistema de design¹². A evolução divergente da permacultura ao longo de quatro décadas pode ter levado a muitos becos sem saída e reinvenções da roda, mas ela também levou a caminhos de experimentação e inovação que continuam gerando descobertas em intercâmbio com vários campos relacionados de pensamento e ação. Os recursos para pesquisas de apoio a permacultura estão apenas começando, com programas de pós-graduação¹³ e planos para um periódico de pesquisas.

Sinopse do decrescimento energético

O debate sobre a base material futura da existência da humanidade está de novo mais aberto. Durante os anos 80 e 90, enquanto a Austrália continuava a dormir no volante, o ensino e ativismo de permacultura tiveram que se acomodar as normas culturais, assim como tiveram que fazer nas comunidades tradicionais.

Mesmo dentro das redes de permacultura, a fé em um futuro de “tecno-estabilidade”, se não de “tecno-explosão”, reflete a crença quase religiosa de que a ciência e tecnologia faz de nós senhores do nosso próprio destino. Se a humanidade realmente está seguindo um caminho de decrescimento energético ao invés de estabilidade ou crescimento, a permacultura é uma das poucas linhagens intelectuais e de ação prática que sobreviveram as difíceis décadas desde que o relatório *Limits to Growth* mostrou o poder do pensamento sistêmico para entender os profundos problemas estruturais que agora afetam a civilização global.

Apesar de a permacultura não ter a capacidade de mudar a trajetória da nossa civilização, ela é certamente uma das linhagens de continuidade cultural que pode permitir aos nossos descendentes sobreviver ou mesmo ter uma boa vida ao longo de nosso futuro de decrescimento energético. Seja qual for esse futuro, a permacultura está fornecendo inspiração e conhecimento prático para centenas de milhares ou mesmo milhões de pessoas que estão “criando agora o mundo que queremos”. Muitos desses criadores estão procurando um refúgio do deserto ético e espiritual que a tecnosfera e os mercados cria. Apesar disso, um número cada vez maior de pessoas com raízes fortes em culturas tradicionais descobre na permacultura uma das poucas

expressões da modernidade que não corrói, e sim fortalece as suas fontes tradicionais de conhecimento para trabalhar junto com a natureza ao invés de lutar contra ela.

Em um novo mundo de mudanças explosivas, nós precisamos encontrar a força e a sabedoria para agir com soluções pequenas, lentas e sutis, que nos permitirão encontrar um caminho próspero para baixo. As próximas décadas e séculos de decrescimento energético nos prometem mais desafios à nossa criatividade e flexibilidade do que foi necessário durante séculos de soluções grandes e brutas sustentadas por estoques de energia ao invés de fluxos.

Eu acredito que a permacultura é a base conceitual mais robusta e dinâmica para ajudar famílias e comunidades a desenharem e reformarem suas paisagens, habitats e comportamentos para um futuro de decrescimento energético.

A história julgará se a academia, governos e corporações ajudaram ou atrapalharam o caminho próspero para baixo.

Referências

¹ Bill Mollison e David Holmgren, *Permaculture One*, Corgi, 1978

² Essa peça curta relembra esse encontro: holmgren.com.au/a-chance-meeting/

³ Kerry Dawborn e Caroline Smith, *Permaculture Pioneers: Stories from the New Frontier*, Melliodora Publishing, 2011

⁴ Depois que o eufemisticamente chamado de neoliberalismo por seu principal arquiteto Milton Friedman foi introduzido por Thatcher no Reino Unido em 1979, por Reagan nos Estados Unidos em 1981 e por Hawke/Keating na Austrália em 1983.

⁵ Como parte da Agenda 21 da Eco-21 das Nações Unidas no Rio de Janeiro em 1992.

⁶ Hobbs, et al, *Novel Ecosystems: Intervening in the New Ecological World Order*, 2013

⁷ *Gardening As Agriculture*, 1991, em *David Holmgren Collected Writings*, Melliodora eBook

⁸ Turner, Graham (Agosto, 2014) Rickards, Lauren, ed “*Is Global Collapse Imminent?*”, *Melbourne Sustainable Society Institute Research Paper No. 4*, University of Melbourne

⁹ retrosuburbia.com

¹⁰ *The Climate Mobilisation Victory Plan*, resilience.org/stories/2016-09-16/the-climate-mobilization-victory-plan-foreword

¹¹ retrosuburbia.com/

¹² Blog do professor e designer de permaculture Dan Palmer makingpermaculturestronger.net/



holmgren.com.au



RetroSuburbia.com



permacultureprinciples.com



futurescenarios.org